

Superávit sobe, crescimento desce

A dívida líquida do setor público, a soma do endividamento do governo federal, de estados, municípios e empresas estatais, alcançou em dezembro, segundo os dados do Banco Central (BC), R\$ 1,002 trilhão, o equivalente a 51,65% do Produto Interno Bruto (PIB). Pouco mais de um terço deste valor (65%) são gastos do governo federal e 30% são de responsabilidade estadual. Prefeituras e estatais respondem pelo restante dos gastos públicos.

As autoridades econômicas fizeram questão de comparar com o ano de 2004, quando a relação dívida representava exatos 51,67% do PIB. É portanto impossível negar que o quadro evoluiu, embora ao longo de 2005 a dívida pública, mesmo com essa conquista, tenha fechado o ano com um déficit nominal de R\$ 63,6 bilhões, ou 3,29% do PIB. Em 2004, esse déficit foi R\$ 47,1 bilhões, 2,67% do PIB. Apesar disso, a estabilidade da proporção dívida/PIB foi comemorada pelo BC quando o chefe do Departamento Econômico do banco afirmou: "Relação dívida/PIB estável é indicador fundamental para o crescimento da economia".

Aqui mora o perigo. No ano passado, o crescimento brasileiro foi pífio, a metade dos concorrentes diretos dos nossos exportadores. O maior responsável por esse quadro é a taxa de juro básica. Em 2005, o setor público gastou R\$ 157,145 bilhões em encargos financeiros, ou seja, 8,13% do PIB. Em 2004 foram

BC comemorou em 2005 a dívida pública de 51,65% do PIB, 0,02% menos que 2004, sem dizer que os juros e os impostos explodiram

gastos com juros R\$ 128,2 bilhões, 7,21% do PIB.

Repetir que a dívida cresce sempre que o governo gasta mais do que arrecada não é mera tautologia. Para fazer com que as despesas com o serviço da dívida não estourem, o governo pode reduzir a taxa de juro ou gerar mais recursos para abater as parcelas da dívida. O nome técnico desses recursos poupados é superávit primário.

A partir dos dados divulgados pelo BC, melhoramos ou pioramos em relação ao começo do governo Lula? Será que o chefe

do Departamento Econômico tem razão e o equilíbrio da relação dívida pública com o PIB ajudou o crescimento econômico? Se a medida for o crescimento do superávit, o avanço ocorreu. Em 2005, o superávit alcançou 4,84% do PIB. No ano anterior, foi de 4,59% e, em 2003, atingiu 4,25%.

A evolução do superávit pode significar plena expressão de responsabilidade fiscal e, nesse caso, é uma vitória do Ministério da Fazenda contra seus adversários adeptos de mais gastos. O problema é que dívida pública quer dizer gastos do governo mais pagamento dos juros. Nesse conjunto, em 2005, a despesa foi maior que a receita em 3,29% do PIB. Ou seja, os juros da dívida subiram e as despesas do governo também. O Tesouro Nacional avisou que as despesas aumentaram 16,3% em 2005, em relação ao ano anterior, totalizando R\$ 351,9 bilhões, o que equivale a 18,2% do PIB. Em 2004, essas despesas somaram 17,1% do PIB. Ou seja, o governo aumentou o superávit em 2005, o mesmo ano em que gastou muito mais.

A contradição é explicada tanto pelo brutal aumento da arrecadação tributária (atingindo

38,5% do PIB em 2005), como pelo corte nos investimentos públicos em infra-estrutura. O diretor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida, não nega que ter saldo primário é "salutar", porque reduz endividamento, mas alerta que a forma como foi obtido em 2005 une esses dois lados negativos, mais impostos e menos investimentos públicos. Almeida alerta que a curto prazo esse processo permitirá que o setor público mantenha controle sobre seu endividamento, mas a médio prazo esse processo "retira capacidade de crescimento da economia".

Não foi preciso esperar esse médio prazo. Em 2005, o País alcançou taxa de crescimento bem inferior à de seus parceiros regionais, seus vizinhos. O "esquecimento" do Brasil em Davos foi só outra confirmação de que o País precisa crescer, urgentemente, ter "metas", como aliás disse o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan. Em tal quadro, será que o declínio de 0,02% na relação dívida pública/PIB, entre 2005 e 2004, merece comemoração?